

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
FACULDADE DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO

Camila Maria Figueiredo Nogueira

O PROCESSO DE AVALIAÇÃO EM UMA ESCOLA MONTESSORIANA

São Gonçalo
2012

Camila Maria Figueiredo Nogueira

O PROCESSO DE AVALIAÇÃO EM UMA ESCOLA MONTESSORIANA

Monografia apresentada como requisito parcial para obtenção da graduação em Pedagogia: Licenciatura Plena, ao Departamento de Educação, da Faculdade de Formação de Professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Helena Amaral da Fontoura

São Gonçalo
2012

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ/REDE SIRIUS/CEH/D

N778 Nogueira, Camila Maria Figueiredo
O processo de avaliação em uma escola montessoriana / Camila Maria Figueiredo Nogueira. – 2012.
44f.

Orientadora: Profª Drª Helena Amaral da Fontoura.
Monografia (Licenciatura em Pedagogia) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Faculdade de Formação de Professores.

1. Montessori, Método de educação. 2. Educação de crianças – Aspectos sociais. I. Fontoura, Helena Amaral da. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Faculdade de Formação de Professores.

CDU 371.481

Camila Maria Figueiredo Nogueira

O PROCESSO DE AVALIAÇÃO EM UMA ESCOLA MONTESSORIANA

Aprovado em _____

Banca Examinadora:

Prof^ª. Dr^ª. Helena Amaral da Fontoura (Orientadora)
Departamento de Educação da FFP/UERJ

Prof^ª. Maria Lúcia de Abrantes Fortuna (Parecerista)
Departamento de Educação da FFP/UERJ

São Gonçalo,
2012

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho à minha mãe, que sempre esteve ao meu lado e fez de tudo para que eu jamais desanimasse e pudesse chegar até o final deste curso.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, que me deu forças e coragem pra chegar até aqui.

À minha mãe, sempre me incentivando e me fazendo acreditar que sou capaz.

Ao meu pai, por fazer da minha vida universitária um pouco mais tranquila e me permitir dedicar somente aos estudos.

Ao meu irmão, que sofreu bastante com minhas histerias em final de período.

Aos meus amigos de luta diária: Laís, Jéssica, Roberta, Cássia e Michel, pois se consegui chegar até aqui hoje, também são responsáveis por isso.

Ao Michel Braga, por segurar minha mão e acreditar que tudo daria certo.

Ao Colégio Ágora, que abriu suas portas e permitiu que minha pesquisa se realizasse.

À minha orientadora Professora Helena Amaral da Fontoura, por ser uma excelente profissional, além de ter me ajudado e acalmado em momentos de desespero na época do projeto.

Aos professores incríveis que tive ao longo do curso, que me fizeram além de profissional, um ser humano melhor.

Somos o relato que nós contamos e que nos contam, um relato inacabado, que não se pode terminar. Somos o relato que só finaliza com a morte. A morte é o fim do trajeto, o final da partida, para dizê-lo como Samuel Beckett. Porém, enquanto isso, vivemos brincando, narrando.

J.C Mélich

RESUMO

NOGUEIRA, Camila Maria Figueiredo. **O processo de avaliação em uma escola montessoriana.** Monografia (Graduação em Pedagogia) – Faculdade de Formação de Professores – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, São Gonçalo, 2012, 44 p.

O presente trabalho tem como objetivo apresentar as concepções montessorianas de ensino, no que diz respeito ao seu processo avaliativo, fazendo um paralelo com o método tradicional, ao analisar os diferentes instrumentos e procedimentos utilizados por ambos ao avaliar o desenvolvimento de competências de seus alunos. Para isso, expomos a trajetória de Maria Montessori, suas ideias e a construção de uma educação baseada nos princípios de atividade, liberdade e individualidade. Além dos referenciais teóricos, apresentamos também uma pesquisa de campo realizada em um colégio montessoriano, localizado em Niterói – RJ, do qual se objetivou investigar as práticas avaliativas e de que maneira a filosofia de Montessori pode trazer benefícios aos que estão inseridos em sua pedagogia. Considerando as discussões que giram em torno da avaliação, buscamos analisar como essa prática está inserida em um sistema de ensino que promete ser diferente do habitual e investigamos até que ponto seus conceitos prevalecem na hora de ponderar seus reflexos nos estudantes. Dessa forma, compreendemos as práticas avaliativas como instrumentos de coletas de dados que devem focar nos elementos como diagnósticos e não como método classificatório, e que para isso, é necessário saber o que se busca e que medidas tomar a partir dos resultados coletados.

Palavras - chave: Avaliação; Escola Montessoriana; Maria Montessori; Aprendizagem

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Maria Montessori.....	15
Figura 2: Aprendendo pela prática.....	22
Figura 3: Maria Montessori em uma Case dei Bambini.....	23
Figura 4: Materiais Montessoriano.....	24
Figura 5: Sala de aula	25
Figura 6: Classificação.....	29
Figura 7: Seleção justa.....	30
Figura 8: Filosofia Montessori.....	35
Figura 9: Ficha de Avaliação 1ª parte.....	37
Figura 10: Ficha de Avaliação 2ª parte.....	38

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
1 MARIA MONTESSORI: VIDA E MORTE.....	15
1.1 O início de um novo projeto pedagógico.....	18
1.2 O Método Montessoriano.....	20
2 A AVALIAÇÃO DAS APRENDIZAGENS.....	27
2.1 Avaliação tradicional.....	28
2.2 Avaliação montessoriana.....	32
3. PESQUISA DE CAMPO NO COLÉGIO ÁGORA.....	34
3.1 Um breve histórico do Colégio.....	35
3.2 O significado de avaliação, desenvolvimento e aprendizagem.....	36
3.3 Os possíveis benefícios do Método Montessori.....	39
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	42
REFERÊNCIAS	44

INTRODUÇÃO

Durante minha trajetória escolar, sempre questioneei sobre o modo com que meus professores avaliavam a turma, fosse a partir da participação ou de teste e prova. Durante o ensino fundamental, os professores nos avaliavam da seguinte forma: ponto de participação, teste e prova. Nunca soube qual era o critério utilizado por eles para dizer se éramos bons ou suficiente para ter a pontuação máxima de participação, no caso 3,0. Muitas vezes, o “visto” do caderno era um critério, mas para obter essa tal assinatura bastava apenas escrever qualquer coisa como resposta nas páginas do livro, pois não havia nenhum tipo de correção. Isso desestimulava quem fazia realmente os exercícios, já que os que não faziam, caçoavam dos outros alunos por não terem feito e conseguido a mesma pontuação.

Do 7º ano ao Ensino Médio estudei no mesmo colégio e durante todos esses anos a mesma prática avaliativa era adotada de forma geral: teste e prova dividido por 2. Claro que houve professores que tentaram sair dessa lógica e quebrar tal paradigma, porém, de uma forma ou de outra, o sistema os vencia. Então, aprendi a fazer inúmeros questionários e decorar para as provas. Sempre achei que aquilo era estudar e ninguém me mostrou que não era.

Isso permaneceu em minha cabeça, mesmo com a conclusão do Ensino Médio. E após entrar na faculdade de Pedagogia, me deparei diversas vezes com intensos debates sobre o tema, o que foi reforçando e me fazendo entender e questionar os tipos de práticas avaliativas que os professores adotam. Fui entendendo melhor também que isso não é culpa de um nem de outro, e sim uma construção de muitos anos que depende de fatores e movimentos para que haja mudanças significativas.

Quando cheguei ao 4º período, houve uma proposta de trabalho em que deveria ser realizada uma pesquisa sobre Maria Montessori. Nunca tinha sequer escutado esse nome e nem sabia que ela era a precursora de uma metodologia que me encantaria e faria repensar meus conceitos tão engessados sobre a educação. Para este estudo, foi feita uma pesquisa de campo com observações, entrevistas e fotos. E nessa perspectiva encontrei em Montessori uma proposta que me fizesse crer em outra maneira de formar cidadãos, os respeitando e incentivando a partir de suas construções de acertos e erros.

Quando o trabalho foi finalmente apresentado ao restante da turma, percebi um grande interesse dos demais alunos sobre o tema e vi que praticamente nenhum deles conhecia o

Método Montessoriano e seus princípios. Essa questão ficou em minha mente, e eu resolvi que pensaria em alguma maneira de me informar ainda mais.

Determinado dia, encontrei uma anotação com dois tópicos que eu tinha feito sobre possíveis temas para mim: Processo de avaliação e Escolas montessorianas. Estava em dúvida sobre qual escolher, até que percebi que os dois juntos funcionariam bem. Então, por que não estudar os dois temas em um só?

No 5º período, com a disciplina de Didática, estudei alguns autores que instigavam e me faziam refletir sobre a avaliação. A própria professora da disciplina me fez pensar e (re)pensar mais uma vez sobre o tema. Em uma de nossas avaliações durante o período, nos foi proposto um resgate de todo o conteúdo trabalhado e deveríamos expor todas as nossas questões e reflexões sobre o que vivemos até o dado momento. Percebi que tive maior facilidade em colocar as minhas opiniões quando o assunto foi a avaliação das escolas, pois tivemos também palestras que falaram sobre os conflitos que muitos professores vivenciam ao ter que avaliar seus alunos em bons ou ruins, classificá-los em números e determinar o seu fracasso ou êxito a partir de práticas de avaliação que muitos deles sequer levarão para suas vidas.

Caminhando junto à disciplina de Didática, a matéria de Pesquisa III começou a dar vida a todos esses pensamentos e questionamentos pré-existentes. De fato comecei a pesquisar autores que falassem mais sobre o tema de “Avaliação” e “Método Montessoriano” e a pensar de que maneira poderia expor os meus estudos sem classificar um método ou outro, onde acabei percebendo que é impossível ser neutro.

Acredito que este trabalho possa ser de grande contribuição, tanto para o meu questionamento pessoal, quanto para o campo científico, pois não há muitos estudos sobre o assunto, além de apresentar essa perspectiva pouco divulgada no Brasil na atualidade, apesar de estar aqui há bastante tempo.

Assim, o presente trabalho tem como temática de investigação o processo de avaliação em uma escola fundamentada nos princípios de Montessori, que apresenta um diferencial em seu método e em suas práticas avaliativas com relação às utilizadas em escolas tradicionais, pois não tem somente a “prova” como medidor de conhecimento. Temos como objetivo principal investigar a maneira com que essa Pedagogia avalia a aprendizagem de seus alunos e de que forma direciona os resultados obtidos nas coletas de dados.

As questões que motivaram a pesquisar e levar à frente esse tema foram: Quais concepções de Avaliação, Desenvolvimento e Aprendizagem estão presentes nos princípios

de Montessori e do ensino tradicional? Qual o sentido da utilização de diferentes instrumentos e procedimentos? Quais são os possíveis benefícios que o método montessoriano proporciona aos seus alunos?

Conheci o Método Montessoriano a partir de um trabalho realizado na Faculdade de Formação de Professores em 2010. Para este momento, foi feita uma pesquisa de campo com observações, entrevistas e fotos. Nessa perspectiva, encontrei em Montessori uma proposta que me fizesse repensar as formas de educação adotadas nos dias de hoje, junto com a ideia de que a escola está em constante movimento e precisa ter mais atenção às questões individuais.

Outra razão para que essa pesquisa fosse realizada foi a minha própria experiência como aluna em um colégio tradicional, onde eu nunca entendi o real significado de ter que responder a tantas questões previamente decoradas e também o modo como vejo a avaliação: de maneira sentenciadora e classificatória.

Essa concepção me incentivou a investigar um pouco mais o tema, fato que me proporcionou novos olhares e perspectivas. Então, após cursar a disciplina de Avaliação Educacional I, pude analisar e entender um pouco melhor o porquê e de que maneira essa construção se passa, ao invés de somente julgar como certo ou errado, ainda que eu não concorde com determinadas práticas utilizadas para esse fim avaliativo.

A pesquisa é relevante pois não há muitos estudos sobre o tema, uma vez que tive dificuldades em encontrar conteúdos para a minha pesquisa que tratassem desse processo na concepção de Montessori. Sendo o tema Avaliação de grande importância nos dias de hoje, acredito ser necessário conhecermos também essa outra perspectiva que não é tão adotada nas escolas. Além de que serve como um veículo para que outros professores e pais possam conhecer os princípios de Maria Montessori, visto que este método é pouco divulgado no Brasil, apesar de ter chegado ao país há mais de 40 anos.

Essa investigação não tem como objetivo chegar à conclusão do que é melhor ou pior, ainda que minha experiência e vivência como estudante influencie na forma como vejo determinadas situações nas escolas tradicionais. Entretanto, minha proposta neste trabalho é apresentar Maria Montessori e seu método, analisar as diferentes concepções de avaliação existentes no método tradicional e montessoriano e apresentar as ideias de Montessori no Colégio Ágora, no que diz respeito ao processo avaliativo.

Inicialmente, foi utilizada uma pesquisa bibliográfica com referencial teórico em autores da área de Avaliação Escolar e do Método Montessori como Montessori (1937, 1965,

1939, 1983), que traz sua biografia e de que maneira se construiu seu método, Luckesi (1998, 2002, 2003), Hoffman (1991) entre outros autores que abordam a situação da avaliação escolar nos dias atuais.

Quanto à pesquisa de campo, realizada no Colégio Ágora, da rede privada de Niterói – RJ, no qual realizei o trabalho já dito anteriormente em 2010 e onde surgiu o meu interesse pelo assunto, procura-se focar no Ensino Fundamental I, que consiste na Agrupada III (1º e 2º ano) e Agrupada IV (3º e 4º ano), através de um questionário aplicado à coordenadora pedagógica, entrevistas orais e observações.

O trabalho divide-se em três capítulos com subtítulos que fazem um levantamento de reflexões e constatações de como vem acontecendo o processo de avaliação na escola tradicional e montessoriana, e ainda de que maneira o método de Montessori pode trazer benefícios a vida dos estudantes.

Sendo assim, fica organizado desta forma: Capítulo I - *Maria Montessori: Vida e Morte*, onde apresento Maria Montessori, como se iniciou o seu projeto pedagógico e de que maneira consiste o Método Montessoriano de ensino; Capítulo II – *A avaliação das aprendizagens* é feita uma análise das diferentes concepções de avaliação existentes no método tradicional e montessoriano; No Capítulo III – *Pesquisa de campo no Colégio Ágora*, apresento as ideias montessorianas do Colégio Ágora, no que diz respeito ao processo avaliativo e seus possíveis benefícios aos educandos.

Nas considerações finais fazemos um fechamento a partir da análise da pesquisa de campo e do referencial teórico escolhido ao longo do trabalho, onde buscamos mostrar que as lógicas de padronização herdadas na hora de avaliar nossos alunos devem ser rompidas, seja no método Tradicional, que mantém suas ideologias presas no papel, ou no Montessori, que segue as atividades prometidas em sua filosofia, embora utilize a lógica quantitativa nas fichas avaliativas. Esta ruptura se faz necessária para que a avaliação cumpra a verdadeira função de diagnosticar e redirecionar o processo de construção do conhecimento.

1 MARIA MONTESSORI: VIDA E MORTE

Figura 1: Maria Montessori



Fonte: <http://pedagogiasimples.blogspot.com.br/2011/03/maria-montessori.html>

Maria Montessori nasceu em 31 de agosto de 1870, em Chiaravalle, província de Ancona – Itália. Filha única de um casal de classe média Alessandro Montessori e Renilde Stoppani. Em 1875, a família se mudou para Roma, uma vez que Alessandro fora convidado a ocupar um cargo no Ministério das Finanças.

Após terminar o curso secundário, optou por estudar engenharia, opção incomum para meninas, pois nessa época o que se esperava delas era que fossem professoras. Teve que se matricular em uma instituição para rapazes, na qual não havia condições de igualdade com os colegas homens nas atividades de formação do curso.

Decidiu também estudar medicina, profissão dominada pelo gênero masculino, na Universidade de Roma e mesmo contrariando seu pai e a cultura da época, se formou em 1896, como a primeira médica da Itália. Como membro da Clínica Psiquiátrica da Universidade de Roma, passou a interessar-se pelas questões sociais e a estudar os doentes que seriam selecionados para as clínicas de recuperação.

Em 1898, em um congresso em Turin, expôs a importância da educação e atenção às crianças com deficiências mentais, e afirmou que o problema dessas crianças era mais pedagógico que mental. A partir desse interesse pelos deficientes, conheceu o método especial de educação idealizado pelos médicos franceses Jean Marc Gaspard Itard e Édouard Séguin,

conhecidos por suas ideias relacionadas ao tratamento e à educação dos chamados “anormais” na época.

Passou a realizar uma série de conferências em Roma referentes aos métodos educativos para crianças com deficiências mentais. Então, criou-se um movimento de opinião a favor das ideias defendidas por Montessori. O governo criou a Liga Nacional pela Educação das Crianças Deficientes, que teria a função de organizar institutos para a assistência dessas crianças.

A partir disso, foi criada a Escola Ortofrênica, da qual Maria Montessori foi diretora até 1900. A essa escola se anexou uma classe suplementar, que recebia, após o horário escolar normal, as crianças julgadas incapazes nas escolas elementares. Ela afirmou:

Durante dois anos preparei, com auxílio de colegas, os professores destinados a observar e educar as crianças excepcionais, dentro de novos métodos especiais. Além disso, o que é mais importante, após ter estado em Londres e em Paris estudando a educação dos deficientes mentais, dediquei-me eu mesma ao ensino dessas crianças e orientei as educadoras de crianças excepcionais do nosso instituto (MONTESSORI, 1965, p.28)

A médica percebeu que essas atividades continham princípios de uma educação mais racional do que as usadas até então. Isso a levou a ter experiências também com as crianças ditas “normais”.

A ideia de que uma nova educação surgia no mundo pedagógico ainda não havia conseguido impor-se, nem tão pouco se admitia que uma nova educação pudesse levar as crianças deficientes a um nível superior. Muito menos se compreendia que um método educativo capaz de elevar o nível mental dos deficientes pudesse, também, ser utilizado para as crianças normais.

Montessori afirmava que a missão da nova pedagogia era proteger toda a humanidade, tanto a normal quanto a anormal:

Era patente a necessidade de uma educação científica para os deficientes: os anormais e inadaptados à sociedade não podiam compreender instruções nem executar ordens;urgia, pois, tentar outros meios mais adequados à capacidade de cada um. Essa educação seria uma pesquisa, uma experiência científica, um esforço para possibilitar a cada um a frequência regular à escola, propiciando meios e estímulos capazes de despertar energias latentes e reintegrá-las definitivamente na vida consciente, intensificando-as e coordenando-as mediante exercícios individuais. (MONTESSORI,1965, p.37)

Algumas crianças abrigadas pela Escola Ortofrênica atingiram tal grau de desenvolvimento que, ao serem apresentadas ao exame nas escolas públicas juntamente com as crianças normais, obtiveram aprovação. Montessori relata:

Eu, porém, sabia que se esses deficientes haviam alcançado os escolares normais nos exames públicos era, unicamente, por haverem sido conduzidos por uma via diferente: tinham sido auxiliados no seu desenvolvimento psíquico, enquanto as crianças normais haviam sido, pelo contrário, sufocadas e deprimidas. (MONTESSORI, 1965, p. 33).

Em 1901, Montessori deixou a Escola Ortofrênica de Roma e inscreveu-se como aluna de Filosofia na Universidade para ter aulas de Pedagogia e Psicologia. E em dezembro de 1904, tornou-se professora de Antropologia na Faculdade de Ciências Físicas, Matemáticas e Naturais, da Universidade de Roma.

Enquanto estudava Filosofia e Pedagogia, Maria Montessori se convenceu de que o método que utilizava com as crianças especiais, serviria também com as crianças normais. A oportunidade de experimentar os métodos de Séguin surge no final de 1906 quando é convidada para organizar um espaço para os filhos de operários que ficavam sem atividades enquanto seus pais trabalhavam.

Em janeiro de 1907 criou a “Casa dei Bambini” (Casa das Crianças) em San Lorenzo, Roma. A primeira de muitas que existiriam. Nesse espaço se desenvolveu o que posteriormente seria chamado de Método Montessori de Ensino, com móveis desenhados para atender as necessidades das crianças.

Todas as teorias de Montessori se basearam na observação do que os pequenos faziam por conta própria, sem a supervisão de um adulto. Chegou à conclusão de que as crianças são seus próprios professores e que para aprender, necessitam de liberdade e múltiplas opções de escolha. Isso a inspirou em toda sua vida, para reformar a metodologia da educação.

Já em 1909, escreveu uma de suas obras mais importante: “O método da pedagogia científica” e, em 1910, publicou “Antropologia Pedagógica”. Ambos falam de seus experimentos, descoberta da criança e de si, como professora, além da construção do método. Nesse mesmo ano, iniciou um curso sobre o seu sistema de ensino em Città di Castello.

Pensando em se dedicar exclusivamente à Pedagogia, em 1911 abandona o trabalho como médica. É neste momento que aumentou significativamente o número de seguidores do método, inclusive nos Estados Unidos. Em 1912, publicou-se “O Método Montessori” e foi

criado o primeiro curso internacional Montessori em Roma. Um ano depois, Maria Montessori começa a expandir o seu método fora da Itália.

Depois da primeira Guerra Mundial, seu método se expandiu por toda a Europa, América Latina e América do Norte, graças a inúmeras conferências realizadas. Com as mudanças políticas ocorridas nos anos 20 e a ascensão do regime fascista, Montessori e seu filho decidiram deixar o país e ir embora para a Espanha, o que acabou gerando um enfraquecimento do método na Itália. Em 1933, abandonou definitivamente o seu país para continuar em Barcelona, onde começou a aplicar o seu método em algumas escolas.

Fugindo da Guerra Espanhola de 1936, Maria Montessori se refugiou na Inglaterra e, em 1937, foi para a Holanda dirigir uma escola modelo em uma pequena cidade próxima a Amsterdã. Durante a Segunda Guerra Mundial, Montessori e seu filho Mario viajaram para Índia, onde foi convidada a dirigir um curso para professores indianos. Lá Montessori foi considerada presa política pelo governo britânico, mas continuou ministrando seus cursos.

Com o fim da guerra, Montessori volta para a Holanda e se instala em Noordwijk, fundando um curso para professores em Amsterdã. E no dia 06 de maio de 1952, aos 81 anos, morreu vítima de uma hemorragia cerebral.

1.1 O início de um novo projeto pedagógico

O projeto inicial da primeira “Case dei Bambini” era reunir crianças pobres de três a seis anos de idade enquanto seus pais estavam no trabalho. Maria Montessori então se baseia em toda a sua experiência anterior com crianças “anormais” e nos estudos profundos sobre a criança “normal”.

Considerando as condições de vida das crianças, percebeu-se que esse espaço não era simplesmente uma escola, mas tratava-se também de um projeto social, no qual estavam presentes os ideais de um movimento humanitário e colocava como meta uma reforma social e política por meio da elevação moral.

Ainda em 1907 foi inaugurada a segunda Casa no bairro San Lorenzo, onde Montessori destacou que essas instituições tinham como um de seus objetivos: permitir que os pais pudessem sair para trabalhar com a garantia de que seus filhos estariam seguros. Em 1908 foi aberta outra em Milão e em 1909 foi inaugurada uma quarta em Roma.

Montessori circulava pelas Casas supervisionando o trabalho por meio da observação das crianças e das professoras. A observação passou a fazer parte do seu método, o que a

levou a descobrir na criança características antes desconhecidas, como a capacidade de se manifestar livremente.

Maria Montessori, já pensando em sua intervenção pedagógica, planejou toda mobília de forma adaptada ao tamanho e às necessidades da criança para a “Casa dei Bambini”. Para o começo do século XX, era uma grande inovação um local totalmente adaptado, concebido para acolher as crianças enquanto os pais iam trabalhar. Tratava-se de um projeto que visava facilitar o trabalho educativo e promover a autonomia dos pequenos.

Em sua proposta educacional para o pré-escolar, Montessori considerou que a educação dos sentidos seria a base necessária ao pleno desenvolvimento biológico do indivíduo. E afirmou que:

Nosso objeto educativo deve ser o de ajudar o desenvolvimento da infância, não o de dar-lhes cultura. Por isto, depois de haver oferecido à criança o material didático adequado para provocar o desenvolvimento dos sentidos, devemos esperar que se desenvolva a atividade de observação. (MONTESSORI, 1937, p. 199).

A liberdade da criança para escolher a atividade que iria desenvolver era defendida por Montessori como meio de educação. O limite da liberdade seria de interesse coletivo e a sua manifestação ocorreria a partir da educação das maneiras e dos gestos. Afirmava:

Eis o ponto de partida indispensável a toda disciplina e também o período mais cansativo para a mestra: a primeira noção que as crianças devem adquirir em vista a uma disciplina ativa é a noção do bem e do mal. E é dever da educadora impedir que a criança confunda bondade com imobilidade, maldade com atividade; isto seria retroceder aos antigos métodos de disciplina. Nosso objetivo é disciplinar a atividade e não imobilizar a criança ou torná-la passiva. (MONTESSORI, 1965, p.50)

Em seu livro “O Método da Pedagogia Científica” publicado em 1909, Maria Montessori conta sobre suas teorias e experiências aplicadas à educação infantil na Casa das Crianças. Esse trabalho tornou-se o início da difusão e da afirmação do método Montessori em muitos países. Pouco a pouco, foram ampliando-se as áreas abordadas pelo método, envolvendo também a matemática, o desenho, a música. Afirmava-se como um método a ser aplicado para o ensino em geral de todas as crianças com idades entre seis e doze anos.

As décadas de 20 e 30 assistiram ao crescimento do interesse e da discussão sobre educação no mundo todo, devido às novas ideias que surgiam e ao fato de haver esperança de que uma educação melhor tornaria as pessoas mais tolerantes.

Maria Montessori buscou compreender o homem em sua essência para atender às condições de seu livre e pleno desenvolvimento. Ela desenvolveu um sistema educacional fundamentado filosoficamente em uma concepção humanista, para o qual propôs uma prática pedagógica com base científica.

A partir dessas ideias, Maria Montessori priorizou o foco da educação na personalidade da criança, ou seja, trazer à tona a riqueza interior de cada uma. A partir desta construção, se daria o seu método educativo.

1.2 O Método Montessoriano

A Pedagogia Montessoriana está baseada no princípio Escolanovista que visa harmonizar a interação de forças corporais e espirituais, através de locais de educação para a vida, no qual a criança tem liberdade de escolha, contato com atividades manuais, motoras e desenvolvimento de autonomia.

A base do Método Montessori é o conhecimento e desenvolvimento natural da criança, que se dá através da relação com o mundo à medida que ocorre o seu amadurecimento. É um método de trabalho individual, baseado nos princípios de atividade, liberdade e individualidade. Segundo Montessori:

Urge que um método de educação, baseado sobre a liberdade, apareça para ajudar a criança a conquistá-la, isto é, que ele possa reduzir ao mínimo os laços sociais que limitam a sua atividade. À medida que a criança avança por esse caminho, suas manifestações espontâneas far-se-ão límpidas de verdade, revelando sua própria natureza. Eis porque a finalidade da primeira forma de intervenção educativa é conduzir a criança à independência. Não devemos, pois, partir de idéias preestabelecidas sobre a psicologia infantil, mas sim de um método que permita plena liberdade à criança, a fim de que possamos descobrir, através da observação das suas manifestações espontâneas, a sua verdadeira psicologia. (1965, p. 51)

No início do século XX as crianças iam à escola para serem treinadas para a vida adulta, quanto mais cedo estivessem prontas para trabalhar melhor. Não era levada a sério até o dia em que tivesse se tornado um adulto, mas Montessori acreditava que:

(...) Existe, porém, uma diferença sutil entre o velho conceito da criança e a realidade: a existência da sensibilidade interior da criança. Há um período sensível muito prolongado, até a idade de quase cinco anos, que, de maneira verdadeiramente prodigiosa, torna a criança capaz de assenhorear-se das imagens do ambiente. A criança é, portanto, um observador que assume

ativamente as imagens por meio dos sentidos, o que é muito diferente de dizê-la capaz de recebê-las como espelho. (1983, p.74)

Logo, o convite para instalar uma “Case dei Bambini” em San Lorenzo era a oportunidade que Montessori estava esperando para continuar seu projeto, que já havia sido realizado também com crianças especiais. Essa experiência pedagógica representou o resultado de uma série de tentativas no sentido de educar a primeira infância com métodos novos.

A liberdade é condição indispensável para o desenvolvimento da vida. Maria Montessori não falava de liberdade social, mas de liberdade de se movimentar e de escolher entre alternativas possíveis dentro do ambiente. Para ela, “não se trata de abandonar a criança a si mesma para que faça o que quiser, mas de lhe preparar um ambiente onde possa agir livremente” (MONTESSORI, 1939, p.25).

Em seu método, a professora deverá interferir somente quando sua orientação se fizer necessária, pois os ambientes são preparados para atender as necessidades de cada criança de maneira que possa agir de forma independente. Segundo Montessori:

Mandei construir mesinhas de formas variadas que não balançassem, e tão leves que duas crianças de quatro anos pudessem facilmente transportá-las; cadeirinhas, de palha ou de madeira, igualmente bem leves e bonitas e que fossem uma reprodução, em miniatura, das cadeiras de adultos, mas proporcionadas às crianças. (MONTESSORI, 1965, p. 42)

Montessori deu grande importância à coordenação dos movimentos e ao controle da ação. É a própria criança que escolhe a atividade e realiza com material apropriado, com intuito de desenvolver suas potencialidades, tendo em vista as diferenças individuais e respeitando o seu próprio ritmo de trabalho. A aprendizagem faz-se através da atividade seguida da confirmação dos resultados, pois a criança tem a possibilidade da autocorreção, podendo repetir o exercício até conseguir assimilá-lo.

Figura 2: Aprendendo pela prática



Fonte: <http://www.escolaconstructor.com.br/site/montessori/>

Defende ainda, um tratamento diferencial a partir da descoberta das particularidades do indivíduo, buscando compreender suas características e peculiaridades, passando a valorizá-lo no espaço e no tempo em que vive.

Maria Montessori estabeleceu três períodos do desenvolvimento humano. O primeiro período é subdividido em duas fases:

- 0 aos 3 anos: A criança absorve as impressões do mundo exterior através dos sentidos. É a exploração do ambiente que leva aos caminhos do conhecimento. Esse período é chamado de *Mente Absorvente Inconsciente*.
- 3 aos 6 anos: Essa fase é chamada de *Mente Absorvente Consciente*, pois a criança manifesta consciência e se torna mais suscetível à aprendizagem sob influência do adulto.

O segundo período:

- 6 aos 12 anos: Desenvolvimento da consciência voltada para o exterior. Vive à procura de respostas. É a entrada da criança no mundo das abstrações e da aquisição da cultura.

Terceiro período:

- 12 aos 18 anos: Caracterizado por grandes aprendizagens e transformações. Prepara o indivíduo para a sociedade. Depois dos 18 anos o desenvolvimento continua, mas é a hora de participar ativamente da comunidade.

Para Montessori, os períodos sensíveis são transitórios, mas cada um deles são pré-requisitos para uma aquisição posterior, dentro dos quais se realizam descobertas e conquistas especiais. Maria Montessori acreditava ser preciso oferecer à criança um ambiente voltado para o processo de construção do conhecimento e não apenas para o produto final. Essa preparação deve existir para que haja uma harmonia externa, que refletirá no crescimento interno da criança.

A concepção montessoriana diferentemente do ensino tradicional, divide as crianças em classes formadas com alunos de várias idades. São crianças de 3 a 6 anos, 6 a 9 anos, 9 a 11 anos, etc.. Essas classes obedecem às associações comuns de vida e o objetivo dessa formação é a cooperação, solidariedade, proteção e admiração, uma vez que crianças de idades diferentes ajudam-se mutuamente. Segundo Montessori:

As nossas escolas demonstraram que as crianças de idade diferentes se ajudam umas as outras; os pequenos vêm o que fazem os maiores e pedem explicações que estes lhes dão voluntariamente. É um verdadeiro ensino, já que a mentalidade da criança de cinco anos está tão próxima a da criança de três que o menor percebe facilmente do outro aquilo que nós não sabemos explicar-lhe. (1983, p.188)

Figura 3: Maria Montessori em uma Case dei Bambini



Fonte: <http://pedagogiasimples.blogspot.com.br/2011/03/maria-montessori.html>

Nesse ambiente, os objetos ficam à disposição em estantes baixas, ao alcance da mão. Estão dispostos de modo a permitir a aprendizagem através da prática. Sendo projetado de acordo com as necessidades das crianças, torna-se atraente e estimulante, convidando-as a participarem de todos os tipos de atividades. Os materiais são agrupados a partir da seguinte classificação:

- Material de desenvolvimento para as atividades da vida prática;
- Material de desenvolvimento destinado à educação sensorial;
- Material de desenvolvimento para a aquisição de cultura.

Figura 4: Materiais Montessorianos



Fonte: <http://www.nocturnar.com/forum/historia/621347-maria-montessori.html>

Os materiais para os exercícios de vida prática são tarefas do cotidiano, que ajudam a criança a adquirir noções referentes aos cuidados com a própria pessoa e com o ambiente. Exemplo: regar plantas, fazer laço, dar nó, lavar louças, pentear-se, vestir-se, entre outros.

Os materiais sensoriais foram planejados para dar às crianças uma diversidade de experiências com o uso e desenvolvimento dos sentidos. São eles que preparam gradualmente a criança para a escrita, para a leitura e para as operações matemáticas. Segundo Montessori:

O material sensorial é constituído por uma série de objetos, agrupados segundo uma determinada qualidade física dos corpos, tais como: cor, forma, dimensão, som, grau de aspereza, peso, temperatura... Assim, por exemplo, um grupo de campainhas musicais reproduz os tons musicais; um conjunto de tabuinhas de cores diferentes, em gradação; um conjunto de sólidos que

têm a mesma forma e dimensões graduadas; e outros que, ao contrário, se diferenciam entre si pela forma geométrica; objetos de diferentes pesos e de tamanho igual, etc. Cada um desses conjuntos possui a mesma qualidade, porém em graus diferentes: trata-se, pois, de uma graduação na qual a diferença de objeto para objeto varia regularmente e, quando possível, é matematicamente estabelecida. (1965, p. 103).

Os materiais para aquisição da cultura têm a base sensorial. Trata-se de sistemas combinados para o ensino do alfabeto, números, escrita, leitura e aritmética, para a preparação à escrita materiais como: encaixes de ferro, forma de metal, letras de lixa, e alfabeto móvel são utilizados.

O Sistema Montessori, tendo características essenciais de ciência, arte, história e filosofia, exige formação e permanente atualização, pois foi desenvolvido sob princípios educativos específicos. Somente um profissional habilitado, tecnicamente preparado e consciente do seu papel na sociedade poderá assumir com desempenho adequado essa função.

Figura 5: Sala de aula



Fonte: <http://larmontessori.com/category/a-casa/>

Falar em “preparar o educador” quer dizer investir na sua formação desde o processo de aquisição de conhecimentos até a sistematização dos princípios do método. O educador assume o papel de guia, conduzindo e motivando o aluno no processo de aprendizado. Isto quer dizer que “basta que lhes mostre para que servem: depois, pode deixar as crianças com seu trabalho. Pois o nosso objetivo não é ministrar ensinamentos, mas sim despertar e desenvolver as forças espirituais e o potencial criativo de cada um” (MONTESSORI, 1965, p. 93).

O professor, o aluno e o material são os protagonistas dessa sala de aula e jamais o ambiente montessoriano teria o valor que tem se não houvesse essa integração da ação

pedagógica, uma vez que todos são responsáveis pelo sucesso das conquistas pessoais do grupo.

Nesse processo educativo é necessário que a casa, a escola e a comunidade formem uma rede de relações sólidas, possuindo uma mesma linguagem e transmitindo um similar código de valores, pois mesmo mantendo uma área de interseção, cada uma permanece com características próprias e particulares.

Partindo dos pressupostos de liberdade, individualidade e atividade, conceitos tão importantes de Maria Montessori para a vida e, principalmente dentro do espaço escolar, apresentarei a seguir, tendo em vista as diferenças individuais e o ritmo de trabalho de cada criança, de que forma acontece a avaliação e que procedimentos são utilizados na escola tradicional - baseado na minha experiência como aluna, e montessoriana - baseado na pesquisa de campo - na hora de avaliar a aprendizagem e desenvolvimento de seus alunos.

2 A AVALIAÇÃO DAS APRENDIZAGENS

A avaliação, segundo o dicionário, significa a “prática de averiguar, verificar, comparar determinado objeto para lhe conferir determinado valor”. No entanto, nos dias de hoje, além de ser utilizada para determinar o valor e o merecimento de algo, muitas vezes ela tem um intuito punitivo ou de motivação.

A avaliação das aprendizagens, segundo consta na Lei nº 9.394 de dezembro de 1996, no capítulo II - artigo 24, parágrafo V, afirma que a verificação do rendimento escolar observará os seguintes critérios:

- a) avaliação contínua e cumulativa do desempenho do aluno, com prevalência dos aspectos qualitativos sobre os quantitativos e dos resultados ao longo do período sobre os de eventuais provas finais;
- b) possibilidade de aceleração de estudos para alunos com atraso escolar;
- c) possibilidade de avanço nos cursos e nas séries mediante verificação do aprendizado;
- d) aproveitamento de estudos concluídos com êxito;
- e) obrigatoriedade de estudos de recuperação, de preferência paralelos ao período letivo, para os casos de baixo rendimento escolar, a serem disciplinados pelas instituições de ensino em seus regimentos;

Para controlar o processo de ensino aprendizagem do aluno, a escola busca realizar a avaliação nas funções de diagnosticar, controlar e classificar, com o objetivo de obter informações sobre os conhecimentos, aptidões e competências dos estudantes; compreender o funcionamento da construção do conhecimento; e determinar o domínio de alguns objetivos pré-estabelecidos, ou seja, o resultado da aprendizagem.

Segundo Luckesi (2003) essa prática de avaliação sob a forma de exames e provas não é recente já que foi sistematizada nos séculos XVI e XVII pelos padres jesuítas (séc. XVI) e pelo Bispo John Amós Comênio (fim do séc. XVI e primeira metade do século XVII) com a intenção de promover ou reprovar os alunos. E teve seu auge quando a burguesia passou a recorrer ao trabalho e aos estudos como forma de elevação social.

A avaliação escolar é por muitas vezes utilizada como um instrumento pedagógico para classificar e rotular os alunos entre bons e maus, mas também é, ou deveria ser, um importante e fundamental aliado dos professores para que possam alcançar o principal objetivo da educação, que é o progresso na trajetória do conhecimento.

Portanto:

A avaliação é a reflexão transformada em ação. Ação essa, que nos impulsiona as novas reflexões. Reflexão permanente de educador sobre sua realidade, e acompanhamento, passo a passo, do educando a sua trajetória de construção do conhecimento. (HOFFMANN, 1991, p. 18)

Nos Parâmetros Curriculares Nacionais (1997) a avaliação é entendida como conjunto de ações cujo objetivo é o ajuste e a orientação da intervenção pedagógica, obtenção de informações sobre o que foi aprendido e como, além de ser um elemento de reflexão contínua para o professor sobre sua prática educativa. Ou seja, tanto o processo durante o aprendizado, o resultado alcançado e a tomada de ação a partir desses dados são igualmente importante nesse percurso.

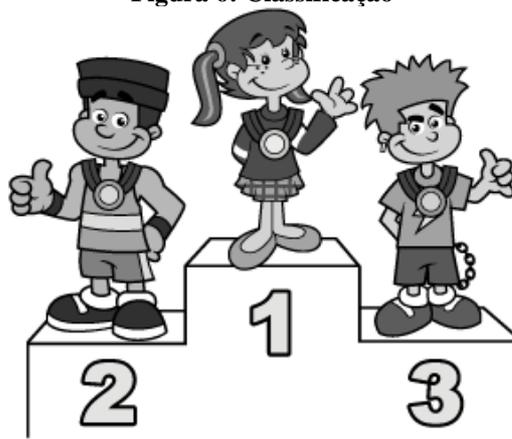
Assim, nesse capítulo falarei da avaliação na perspectiva tradicional de ensino, maneira mais encontrada nas escolas nos dias atuais e, de uma escola que adota a pedagogia montessoriana, pouco conhecida pela sociedade, mas que me chamou atenção pela liberdade, de maneira organizada ao ensinar e avaliar.

2.1 Avaliação Tradicional

No Ensino Fundamental da escola tradicional, podemos encontrar avaliações realizadas em datas pontuais com o objetivo de descobrir quem aprendeu ou não. Quando se tem a resposta, não a utiliza para nada, servindo apenas como classificação para os alunos bons, que são aprovados; e os ruins, reprovados. No entanto, avaliar, segundo Luckesi (2002), nada tem a ver com a prática que encontramos nas salas de aula:

*Avaliar é o ato de diagnosticar uma experiência, tendo em vista reorientá-la para produzir o melhor resultado possível; por isso, não é classificatória nem seletiva, ao contrário, é diagnóstica e inclusiva. O ato de *examinar*, por outro lado, é classificatório e seletivo e, por isso mesmo, excludente, já que não se destina à construção do melhor resultado possível; tem a ver, sim, com a classificação estática do que é examinado. (p.5)*

Figura 6: Classificação



Fonte: <http://jrasibeli.blogspot.com.br/2012/04/avaliacao-na-escola-organizada-por.html>

Podemos dizer então que, avaliar está ligado ao processo; e examinar, ao produto final, uma vez que não há intenção de modificar o percurso, independente de qual seja, dando somente uma sentença ao resultado obtido no fim.

Não há clareza quanto ao que se busca com essa atividade de examinar, denominada por nós de avaliação. O que acontece é apenas uma reprodução de modelos tradicionais padronizados, sem a devida reflexão do aspecto essencial a ser observado nesse processo: o desenvolvimento do aluno. A avaliação, por um ato inconsciente, está automaticamente relacionada aos exames, uma vez que encontramos nas escolas o calendário de avaliação, como se fosse possível existir um lugar, dia e hora exato para que este fato aconteça.

Segundo Luckesi (2002, p.6) “avaliação é diagnóstico que pode ser registrado em forma de nota, mas nota não é avaliação.” A classificação por meio da nota se tornou uma maneira dos professores obrigarem, indiretamente, aos alunos a estudarem mediante tamanho desinteresse às matérias lecionadas em sala. Sendo assim, os estudantes se veem com a necessidade de “estudar” para atingir a média imposta pela escola e que representa um suposto nível de aprendizagem ideal.

É nesse contexto que a “decoreba” se faz tão presente e se torna uma carga a ser despejada na caixa chamada de Avaliação. Os alunos passam horas absorvendo todo o conteúdo do caderno e o descarregam nesse modelo de exame. A partir do momento em que entregam sua prova ao professor, o que foi previamente decorado fica apenas no papel, o que os faz sair da sala com a cabeça vazia.

Para Esteban (2003) a fragmentação do processo ensino-aprendizagem e a classificação das respostas a partir de um padrão predeterminado, levam aos conceitos de

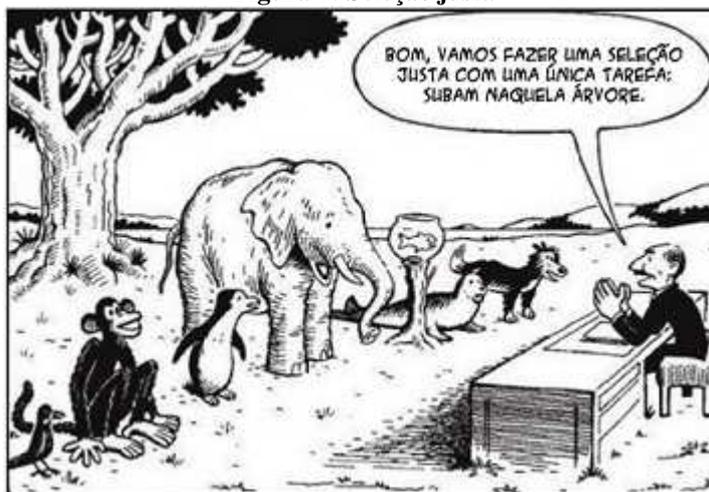
acerto/saber e erro/não saber, entendidos como opostos e excludentes. Algumas vezes é o próprio educador que passa esse questionário com perguntas, das quais serão escolhidas e reproduzidas na prova, impedindo que o aluno possa pensar por si.

Segundo Barriga (2003, p.54) “o exame é o instrumento a partir do qual se reconhece administrativamente um conhecimento, mas igualmente reconhece que o exame não indica realmente qual é o saber de um sujeito”. O acerto, na perspectiva da avaliação, é visto como uma experiência que alcançou o objetivo proposto inicialmente e o erro como algo que ainda não, uma vez que o conhecimento é algo que está em permanente construção.

A meu ver, o exame se tornou a forma mais rápida de mostrar aos pais o que seus filhos aprendem durante o ano letivo e como vai bem ou mal nessa ou aquela disciplina, a partir do valor quantitativo de suas notas.

Em nossa vida escolar, certamente quisemos ser bons alunos, e talvez fossemos, mas não sabíamos, já que ser “bom aluno” tem características definidas e estereotipadas: o mais estudioso, o mais comportado, o mais inteligente, o que só alcança notas altas. No entanto, onde se encaixa aquele aluno que não é o mais estudioso e tem notas boas? Ou então, o “bagunceiro” que consegue demonstrar que realmente assimilou o conteúdo? Esses também não são bons alunos? Afinal, o que é um bom aluno nos dias de hoje?

Figura 7: Seleção justa



Fonte: <http://floratelescola.blogspot.com.br/2012/10/isso-nos-faz-lembrar-avaliacao-escolar.html>

No livro ‘Uma menina estranha’, as autoras relatam da época de escola o que ainda acontece hoje com grande parte dos alunos, que tem interesse maior por uma matéria do que outra, e fatalmente consegue se desenvolver melhor:

Eu aterrorizava a professora de francês, e certa vez fui expulsa da sala por ter dito: “Mademoiselle Ju-Li, ferme la bouche” (Srta. Julie, cale a boca). Como a professora de francês era quem nos ensinava costura, não conseguia entender por que eu me comportava tão bem nas aulas de costura e tão mal nas de francês. É simples: nas aulas de costura eu estava criando alguma coisa, e tinha um talento especial para o bordado. (GRANDIN; SCARIANO, 1999, p.44)

Observa-se que os professores também vivenciam muitos conflitos ao ter que classificar seus alunos em bons ou ruins de maneira quantitativa e determinar o seu fracasso ou êxito a partir de práticas avaliativas inconsistentes. De certa forma, aqueles que têm o desejo de inovar, são impedidos por forças hegemônicas a manter a lógica, que é mais fácil. No entanto, é preciso saber que, “se a comunicação da avaliação estiver pautada apenas em qualificações, pouco poderá contribuir para o avanço significativo das aprendizagens.” (PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS, 1997, p.60)

Avaliar não significa classificar o aluno em burro ou inteligente. Muitos fatores contribuem para que o estudante se desenvolva melhor em uma disciplina do que em outra. Pode ocorrer, por exemplo, que em dia de avaliação o aluno esteja com algum problema emocional, doente ou com fome. Como é possível esse estudante se concentrar e lembrar-se de todas as questões que foram previamente “decoradas” antes da prova? Então, se ele não tirou uma boa nota, não é um bom aluno?

Em função disso, é importante ter em mente que a principal finalidade da avaliação é auxiliar o professor na criação de situações e intervenções que busquem a garantia de aprendizagem dos alunos, e que não tenham a função de punir ou excluir quem não acompanhou ou obteve a nota máxima.

Deve ser ressaltado que, as disciplinas pré-determinadas nas escolas devem sim, ser assimiladas pelos alunos, pois o grande objetivo educacional é a construção do conhecimento e se este está imposto através da grade curricular com objetivos definidos, tem sim que ser cumpridos. Mas também sabemos que “uma escola voltada para o pleno desenvolvimento do educando valoriza a transmissão de conhecimento, mas também enfatiza outros aspectos: as formas de convivência entre as pessoas, o respeito às diferenças, a cultura escolar” (PROGESTÃO 2001, p.45 apud COSTA, 2008, p.8).

Logo, o interessante a ser pensando nesse capítulo são os meios de reprodução que temos utilizado para a construção dessa metodologia, pois funcionando ou não, é essencial na existência de uma prática pedagógica.

2.2 Avaliação Montessoriana

Na escola montessoriana, a avaliação também acontece através de exercícios avaliativos, testes, trabalhos e outras atividades. No entanto, o que pode vir a ser um diferencial entre os dois métodos é que, neste fica mais clara a consciência da prática avaliativa como um meio para diagnosticar as necessidades e dificuldades no percurso escolar, de forma a redefinir as ações pedagógicas para o êxito da construção dos saberes dos alunos.

Reconhecendo a natureza da aprendizagem, é priorizado o processo e não somente os resultados. Utiliza-se a avaliação com finalidade de identificar em que medida os objetivos propostos foram alcançados; o aproveitamento a partir dos aspectos qualitativos sobre os quantitativos e a assiduidade. Os resultados são registrados pelo professor e comunicados aos responsáveis do aluno.

A partir de um relatório de avaliação do desenvolvimento de cada um, o professor informa aos alunos seus avanços e dificuldades, orientando no seu processo de desenvolvimento a fim de juntos planejarem novas situações de aprendizagem.

Nos aspectos qualitativos são verificados os conceitos obtidos dos resultados quantitativos, onde são levados em consideração: a demonstração de aproveitamento e responsabilidade, pontualidade no comparecimento das apresentações das atividades, frequência, demonstração de hábitos e atitudes de respeito com a equipe e demais alunos da escola.

Nos aspectos quantitativos, a avaliação do aproveitamento escolar é contínua e se realiza a partir da observação do professor nos trabalhos individuais ou em grupos, nas leituras orientadas, participação ativa em sala, exercícios avaliativos escritos, dissertativos, objetivos e subjetivos e dos testes orais.

Na metodologia da escola montessoriana, o primordial é que o aluno se torne um pensador independente ao invés de memorizar conteúdos, pois durante todo seu processo educativo ele é estimulado a compreender e formular opiniões e seguir sua própria linha de raciocínio.

Ao traçar um paralelo entre seu método e os demais, Maria Montessori afirma:

Até nas escolas chamadas modernas, onde se acredita oferecer educação individual, existe uma marcada diferença com as escolas Montessori. Ali

existe um professor que ensina uniformemente a coletividade, conceito profundamente diferente do aluno no método Montessori, que consiste em livrar a criança do professor que ensina e substituí-lo por um ambiente onde a criança possa escolher o que é adequado a seu próprio esforço e às necessidades íntimas de sua personalidade. (1965, p. 93).

No Método Montessori é priorizado o respeito pelas diferenças individuais e a motivação é cultivada na própria criança, que é o centro do processo de aprendizagem. No Método Tradicional a ênfase é na formação de um grupo, assim como nas notas como forma de motivação.

Nas escolas montessorianas há salas com idades misturadas, onde o aprendizado acontece também por meio da observação do outro. Nas tradicionais, os estudantes são agrupados por idade cronológica para melhor se adequar ao planejamento do professor, que ensina através de aulas pré estabelecidas para todos os alunos ao mesmo tempo.

No sistema Montessori os alunos aprendem em seu tempo e praticando na sala de aula com a assistência de um professor quando necessária sua intervenção. No tradicional, os alunos praticam seus exercícios sozinhos e recebem notas por suas lições de casa ou trabalhos.

Montessori fez da sala de aula uma biblioteca, que serve de fonte de pesquisa e estudo e na qual as crianças são livres para se mover, enquanto nas escolas tradicionais os estudantes ficam boa parte do tempo somente em suas carteiras e o conhecimento frequentemente consiste em memorização de informações.

No método montessoriano o conhecimento é adquirido através de materiais concretos, cientificamente desenhados para instigar o pensamento conceitual. Esse aprendizado é verificado no dia a dia pelo professor através de observações. No método tradicional, os testes marcados nem sempre priorizam o raciocínio crítico do aluno. Os estudantes têm em mente que passar de ano é mais importante do que saber.

Podemos perceber entre os dois tipos de avaliação alguns pontos semelhantes como, por exemplo: aplicação de provas, trabalhos e testes como método avaliativo. No entanto, a divergência é mais clara se observada na prática, onde o método tradicional não se prende aos seus ideais, que ficam somente no Projeto Político Pedagógico da escola, enquanto o montessoriano é mais fiel à sua história e filosofia. Portanto, no próximo capítulo poderemos ver na prática do Colégio Montessoriano Ágora, do qual tenho total permissão da diretoria para utilizar seu nome neste trabalho, quais concepções de avaliação, desenvolvimento e aprendizagem estão presentes em sua prática e quais são contribuições que esse método oferece aos seus alunos.

3. PESQUISA DE CAMPO NO COLÉGIO ÁGORA

A escolha desta escola para a pesquisa de campo se deu a partir de um trabalho já realizado anteriormente, por se tratar de um espaço montessoriano, local onde analiso algumas questões sobre o processo de avaliação, e também pela boa vontade da instituição em colaborar com este processo.

As perguntas, que me serviram de base foram dirigidas à coordenadora pedagógica do Ensino Fundamental I, das quais foram enviadas em forma de questionário antecipadamente para que a mesma pudesse saber do que se tratava melhor. Algumas dessas questões foram respondidas por papel e outras a partir das minhas observações e materiais coletados, como por exemplo: parte do Projeto Político Pedagógico.

- 1) Qual o significado de avaliação, desenvolvimento e aprendizagem no método montessoriano?
- 2) De que maneira acontece a avaliação das aprendizagens?
- 3) Qual o sentido de usar diferentes instrumentos e procedimentos?
- 4) Já trabalhou em escola tradicional? Qual a principal diferença entre os dois métodos?
- 5) Quais as contribuições que o método Montessori oferece aos seus alunos?

Procurei focar no Ensino Fundamental I, que consiste na Agrupada III (1º e 2º ano) com crianças de 6 e 7 anos e Agrupada IV (3º e 4º ano) com alunos de 8 e 9 anos, pois as conquistas da leitura, escrita e das operações lógico-matemáticas estão em processo de construção, além de ser um estágio onde o aluno apresenta grande potencial para o trabalho físico e mental e para aquisição de informações culturais e científicas.

Apesar da grande disponibilidade do Colégio, não pude participar diretamente das salas de aula, pois na época em que este trabalho foi realizado, a escola passava por diversas atividades, onde havia uma grande mobilização de toda a escola. Contudo, a coordenadora do segmento escolhido se propôs a responder minhas perguntas e esclarecer dúvidas que surgissem ao longo da pesquisa.

3.1- Um breve histórico do Colégio

Em 1982 foi fundado o Colégio com o nome inicial de Amanhecer, com o objetivo de ser uma Casa-Escola Montessoriana. Após mudanças e o acréscimo do Ensino Fundamental em curso, em 1996 foi decidido o novo nome da escola: Colégio Ágora, pois a Ágora era a principal praça pública na Grécia Antiga onde os cidadãos podiam expor suas ideias, sugestões e propostas em todos os aspectos da vida pública.

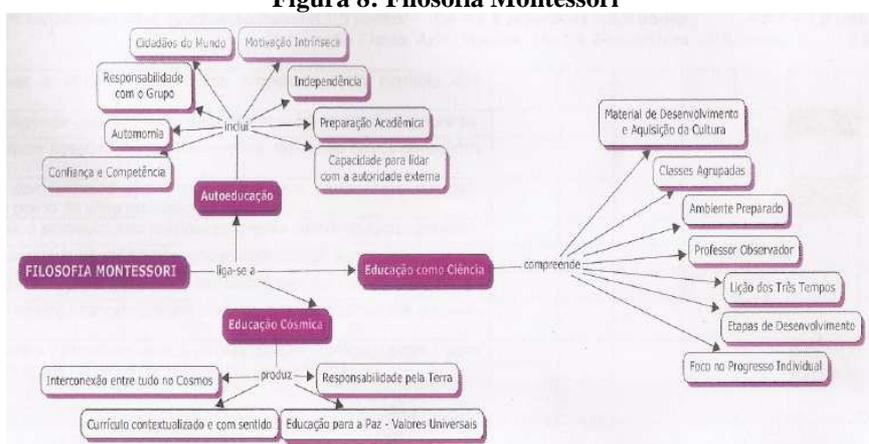
O Colégio Ágora, que é Sócio Fundador da *OMB - Organização Montessori do Brasil*, ao longo de seus 30 anos constituiu-se num referencial teórico e prático no trabalho com crianças e adolescentes em Niterói. Tem por objetivo a formação de um aluno com opinião, competente, ético e que articule seu saber acadêmico com o dia-a-dia, podendo assim atuar ativamente no mundo em que vive.

Para que essas metas sejam alcançadas, as diretoras do Ágora têm o olhar focado na formação contínua de sua equipe e na consistência do ensino oferecido, além de buscar realizar um trabalho pautado numa relação de respeito, prazer e superação de desafios diante da aprendizagem.

As classes estruturadas sob a metodologia Montessoriana são identificadas pela convivência entre crianças de diferentes idades e pelo trabalho em duplas, em pequenos grupos ou individualizado.

O trabalho é baseado na liberdade e autonomia de escolher entre os materiais de desenvolvimento dispostos em estantes, no ambiente organizado e estruturado como um convite ao conhecimento; pela presença do educador que observa as atividades, interagindo apenas quando necessário, vigilante quanto a oportunidade de uma nova aprendizagem, considerando a etapa de desenvolvimento, o ritmo e interesse de cada indivíduo.

Figura 8: Filosofia Montessori



Fonte: Projeto Político Pedagógico do Colégio Ágora

3.2- O significado de avaliação, desenvolvimento e aprendizagem

Para além dos questionamentos à coordenadora pedagógica do Ensino Fundamental I, tive acesso também ao Projeto Político Pedagógico, do qual achei importante para embasar e fundamentar minhas observações e conclusões.

Segundo o PPP do Colégio Ágora, para o processo de avaliação “o grande instrumento utilizado é a observação, pois avaliar antes de tudo é observar.” Com a observação, buscam-se informações para redirecionar o plano de curso com o aluno.

No Ensino Fundamental são utilizados instrumentos formais de avaliação como: provas, trabalhos, pesquisas, entre outros. No entanto, o domínio de aprendizagem a partir da estrutura dos Agrupamentos, dá aos alunos o tempo necessário para dominar habilidades particulares antes de passar para o próximo nível de trabalho.

Pude observar em uma das visitas feitas em outro projeto que, os alunos têm a liberdade de realizar a sua atividade no tempo e espaço que desejarem, pois segundo a coordenadora da escola, acredita-se que, às vezes, estipular o tempo do exercício interrompe um processo no qual talvez faltasse apenas mais alguns instantes para ser concluído com êxito.

Com isso, a criança aprende a dominar o conteúdo em vez de simplesmente aceitar uma nota baixa e nunca aprender realmente a informação. Ou seja, “ela não mais será receptiva, absorvendo impressões com facilidade, mas irá querer entender por si mesma, não se contentando com a aceitação de meros fatos” (MONTESSORI, 2003, p. 12).

A tarefa do professor é distinguir com o aluno os passos da aprendizagem, oferecer sugestões e estratégias para a aquisição do conhecimento, articulado com o tempo necessário para esta conquista. As vantagens dessas ações são: oferecer expectativas claras, promover o domínio da unidade de estudo, encorajar a responsabilidade do estudante, re-ensinar e re-testar se necessário.

Mas, como comprovar aos pais que a escola analisa com rigor os documentos que certificam a aprendizagem e o crescimento individual do estudante? Como garantir que o professor utiliza elementos de avaliação do estudante para analisar a eficácia do currículo e melhorar suas práticas pedagógicas? Como posicionar corretamente o instrumento “prova” sem dar-lhe o valor indevido?

O termo “boletim” e o valor a ele agregado é pequeno frente à exigência de uma comunicação mais ampla acerca dos progressos na aprendizagem e no desempenho esperado do estudante de uma Escola Montessoriana. Por isso no Ágora utiliza-se a expressão

“Conquistas Sócio-Cognitivas” para designar essa função. Nesta, os itens são redigidos com verbos de ações comportamentais ou operacionais, que por sua natureza são observáveis e mensuráveis.

O critério de atribuição de pontos considera a abrangência, o número de itens e a complexidade, estabelecendo-se entre eles uma divisão exata. O caráter somatório da Ficha de Avaliação torna claro o processo de conquistas.

Como Escola Montessoriana, a verificação do *Ágora* tem um olhar mais compreensivo, uma vez que não prioriza somente a nota do conteúdo aprendido, como ocorre tradicionalmente. Além disso, a Escola trabalha para a conquista daquilo que tanto se busca: o “ser competente”. Mas o que isso significa em termos práticos?

Segundo o PPP do Colégio, “competência envolve a capacidade de agir eficazmente numa determinada situação apoiada em conhecimentos correspondentes.” E entende-se que, embora as competências mobilizem os conhecimentos acadêmicos, também envolvem o raciocínio e a maneira como o aluno une intuição e razão.

Leva em consideração que, os diversos instrumentos utilizados na hora de avaliar devem ser muito bem esclarecidos para os pais. Esse esclarecimento é feito através do registro das conquistas dos estudantes a partir da Ficha de Avaliação do aluno em cada disciplina, e das academicamente conhecidas “provas”, “pesquisas”, “seminários”, “trabalhos”, como demonstrado a seguir nas duas imagens:

Figura 9: Ficha de Avaliação 1ª parte

Portfólio de Aprendizagem (pontuação máxima: 2,5 pontos acrescidos em cada Área)												
nível 1 = 1 ponto	Neste trimestre, o conteúdo de sua pasta reflete uma dinâmica muito particular de interesse e motivação para a aprendizagem, tendo exigido uma atenção constante e ações específicas da equipe pedagógica para que esta etapa do Portfólio fosse concluída. ()											
nível 2 = 1,5 pontos	Sua pasta apresenta evidências do conhecimento que foi sendo construído. Durante este trimestre, necessitou da orientação dos professores para concluir e fazer escolhas dos trabalhos que fariam parte de seu Portfólio. ()											
nível 3 = 2 pontos	Sua pasta apresenta uma visão geral do processo de aprendizagem vivido. Com o do auxílio dos professores, em suas ações e organização de pensamento, conseguiu superar as dificuldades iniciais, concluindo com êxito a montagem de seu Portfólio. ()											
nível 4 = 2,5 pontos	Sua pasta apresenta-se bem estruturada, organizada e limpa. Preocupou-se com a seleção do conteúdo, recebendo pouquíssima ajuda do orientador para a escolha dos melhores e mais significativos trabalhos para o seu Portfólio. ()											
Total por Área de Conhecimento		Inglês	Música	Ed. Fis.	V.P	Arte	F.Lei	Mat	Port	Ciêñ	Hist	Geo
					XX							

Fonte: Projeto Político Pedagógico do Colégio *Ágora*

Figura 10: Ficha de Avaliação 2ª parte

Estudante:	Autoeducação			Educação como Ciência				Educação Cômica			
	Inglês	Música	Educ. Física	Vida Prát	Arte	Form. Leitor	Mat	Língua Port	Ciân	Hist	Geo
<p>Conteúdos Atitudinais – normas, valores e atitudes (pontuação máxima 2,5 pontos) De 1 a 3 assertivas – 0,5 ponto; 4 a 6 – 1 ponto; 7 a 9 – 1,5 pontos; 10 a 11 – 2 pontos (Música e Educação Física De 1 a 3 assertivas – 0,5 ponto; 4 a 5 – 1 ponto; 6 a 7 – 1,5 pontos; 8 a 9 – 2 pontos)</p> <p>NA MAIORIA DOS MOMENTOS NA ESCOLA,</p>											
1- diante de ideias opostas, agiu respeitosamente frente a colocações de outras pessoas.											
2- ao não descartar papéis no chão ou outros objetos na área externa, demonstrou sua preocupação com o ambiente comum e o convívio social.											
3- assumiu sua parcela de responsabilidade pela beleza, ordem e limpeza dos ambientes onde as aulas acontecem.											
4- buscou explicitar dúvidas ou curiosidades com colegas e professores.											
5- empenhou-se nas atividades para realizá-las o melhor possível, sendo cuidadoso com a limpeza e apresentação dos trabalhos.											
6- trabalhou em grupo de forma cooperativa, colaborando com os colegas que apresentam dificuldades.											
7- movimentou-se adequadamente em sala, buscando não interferir na concentração dos colegas.											
8- demonstrou independência na realização de tarefas, buscando o material disponível nas estantes.											
9- foi capaz de cuidar da própria integridade física e da de outros.											
10- usou o diálogo, identificando-o como uma boa forma de resolver um problema.											
11- considerou as regras estabelecidas pela Escola e pelo grupo.											
Pontuação											
<p>Conteúdos Procedimentais (pontuação máxima 1,5 pontos) De 1 a 3 assertivas – 0,5 pontos; 4 a 6 – 1,5 ponto; 7 a 8 – 2 pontos (Música e Educação Física 1 assertiva – 0,5 ponto; 2- 1 ponto; 3- 1,5 pontos; 4 – 2 pontos) (Arte: De 1 a 2 assertivas – 0,5 ponto; 3- 1 ponto; 4 a 5- 1,5 pontos; 6 – 2 pontos)</p> <p>NA MAIORIA DOS MOMENTOS NA ESCOLA,</p>											
1- realizou ações, de forma ordenada e não aleatória, para atingir uma meta.											
2- utilizou a agenda para registro, consulta ou anotações de tarefas de casa.											
3- analisou e ponderou, por si mesmo, os resultados obtidos com suas ações.											
4- foi capaz de buscar o portador adequado quando precisou localizar informações (dicionários, livros, enciclopédias digitais).											
5- fez inferências, reconhecendo quando a informação é consistente ou contraditória.											
6- dentro de suas possibilidades, revisou o texto escrito - comparando dados e fazendo verificações.											
7- apresentou produção condizente com o esperado para a conclusão da tarefa / trabalho, cumprindo no tempo previsto as tarefas estabelecidas pelo professor ou orientadas pelo Menu.											
8- manteve seus cadernos / livros / Portfolio / escaninho, organizados.											
Pontuação											
Conteúdos Conceituais - 3,5 pontos distribuídos por:											
Participação ativa nos estudos desenvolvidos em aula (opinando, questionando, contribuindo com o tema (0,5 ponto) (Arte, Música e Educação Física - 1 ponto)											XX
Realização de 90% das tarefas propostas para casa, apresentando-as na data programada (0,5 ponto)											XX
Pesquisas e trabalhos – 0,5 ponto											XX
APROVA - 2 pontos											XX
(Educação Física e Música – trabalho individual ou em grupo)											
Pontuação											
XX											

Fonte: Projeto Político Pedagógico do Colégio Ágora

Questionei à coordenadora do Ensino Fundamental I se já havia trabalhado em escola tradicional e qual era a principal diferença entre os dois métodos. A resposta que obtive foi que as diferenças na forma de se trabalhar com os estudantes de uma Escola Montessori e de uma Tradicional são muito grandes. Conforme seu relato:

“Na escola Montessori o professor precisa preparar o ambiente de classe com muitos motivos para a aprendizagem. De maneira dinâmica, instigar a curiosidade do aluno para que busque por novos conhecimentos, faça pesquisas, construa textos (orais e/ou escritos), compare, conclua. Há uma gama infinita de atividades que desenvolve a concentração, a motivação para aprender e a autodisciplina. As atividades se organizam de maneira transdisciplinar dando significado às aprendizagens que se manifestam na utilização de diferentes linguagens para atender aos diferentes tipos de inteligências.” (2012)

Para ela, todas as ideias Montessori são baseadas em, e dependem, de um processo contínuo de observação e realização tanto de alunos quanto de professores. O propósito de uma educação montessoriana inclui, mas vai além, a aquisição consistente do conhecimento acadêmico previsto para cada etapa de desenvolvimento. Assim, enquanto os alunos são incentivados a se tornarem leitores pensantes, escritores competentes, hábeis com os computadores, ágeis nas soluções de problemas e pensadores lógicos, também são incentivados a desenvolver plenamente o seu potencial emocional, social, ético e moral.

3.3- As contribuições do método Montessori aos alunos

Quando se lê sobre um método com tanta liberdade, imediatamente nos vêm à cabeça, em que, de fato, ele pode ser diferente ou fazer a diferença na construção do indivíduo e principalmente, na formação do cidadão para o mundo.

Acredito que tudo começa pelo próprio ambiente montessoriano, que possibilita ao aluno desenvolver suas capacidades de apropriação nas áreas cognitiva, física e social desde a infância utilizando materiais que estimulem os sentidos, além de fazer com que as crianças de idades diferentes interajam em situações variadas, se relacionando, aprendendo e desenvolvendo uma com ajuda da outra. Isso funciona quando um aluno de idade mais avançada intervém, a partir de seus conhecimentos já adquiridos, na aprendizagem do mais novo. Ou seja, o aluno entende desde cedo que é preciso cooperar e viver em certa harmonia com pessoas de todas as idades, uma vez que, fora da escola ele possui familiares e consequentemente viverá em sociedade.

Ainda oferece situações onde o educando possa exercer os seus direitos e deveres, levando-o à compreensão e reflexão do exercício da cidadania. Como por exemplo: na hora do lanche, em que cada aluno limpa o espaço e lava o que foi utilizado por ele, uma vez que deve respeitar a área comum a todos e conservá-la. Essas “são maneiras de disciplina pessoal que demonstram educação, responsabilidade e compromisso com o viver junto, não somente na escola como na vida fora dela.” (COSTA, 2001, p. 318). Essa prática é importante também, pois o aluno passa a atuar com mais independência, confiando em suas capacidades e percepção de suas limitações.

Como resultado dessa disciplina e compromisso, pude presenciar uma situação interessante em uma das vezes que entrei em sala no Ágora. Todos os alunos estavam fazendo suas atividades escolhidas, mas certa criança me chamou atenção, pois estava sentada no chão, montando um mapa. Aproximei-me para observar o que era e percebi que havia uma

folha do lado da outra: uma com o mapa a ser preenchido e outra com o mapa resposta - que fui descobrir mais tarde o que era. Este último estava virado para baixo. Continuei observando a atividade, e quando finalizou o exercício, virou a segunda folha - o cartão resposta - para conferir com o seu. Essa situação me fez pensar no quão honesta e responsável com sua aprendizagem ela estava sendo, uma vez que, burlar as regras e “colar” a resposta seria muito fácil do que resolver o exercício sozinha.

Paralelo a essa situação, um grupo de crianças sentadas à mesa falando algumas palavras, que eram escritas no quadro pela professora. O momento me pareceu normal até chegar perto e ouvir que o texto de tema “Halloween” que era montado, estava em inglês. Segundo consta no comunicado de resultados aos pais, o Colégio Ágora entende que “o domínio de outra língua amplia, antes de tudo, a preparação acadêmica.” Além disso, os alunos aprendem uma segunda língua desde a Educação Infantil, uma vez que atende ao período sensível para este aprendizado. Com isso, eles estão criando através das experiências que lhes foram oferecidas, voltadas às aprendizagens ocorridas por meio de uma intervenção direta do professor.

O Método Montessori se preocupa com atividades nas quais o educando possa aprender a questionar e ter acesso aos conhecimentos mais amplos da realidade social e cultural participando de elementos que enriqueçam o seu desenvolvimento e inserção no mundo.

A partir disso, ao finalizar a pesquisa de campo e analisar o material, pude perceber que o tipo de pedagogia que a escola adota não é o mais importante e que, método do qual me encantou lá atrás, antes mesmo de pensar em escrever a monografia, faz o que deveria ser feito em todas as escolas. O ideais de ensino e avaliação que eles praticam é o mesmo que vemos nas propostas pedagógicas das escolas tradicionais. No entanto, a grande diferença é que por alguma razão, essa perspectiva montessoriana persistiu em seu caráter inicial, ainda que nesta escola possa haver também suas características próprias de ensino entrelaçada.

A avaliação em seu verdadeiro significado nada mais é do que o direito de cada um. Deveria ser um benefício a todos, pois nesse sentido, avaliar é sempre reorientar os caminhos e fazer com que seja o mais proveitoso possível para quem está envolvido. Como afirma Luckesi (2005, p.5) “assim sendo, não tenho dúvidas sobre o potencial transformador da avaliação, na medida em que a sua função é subsidiar a busca dos resultados mais satisfatórios possíveis.”

Porém, o que tem acontecido atualmente é a prática de examinar obrigando a quem está cansado de uma metodologia ultrapassada e sem inovações a aprender conteúdos que não fazem o menor sentido para si. Assim, “é preciso criar em nós professores uma cultura da avaliação por oposição a uma cultura dos exames, arraigada em nossas experiências.” (LUCKESI, 2005, p. 5)

O que vi no Colégio Ágora foi um espaço do qual os estudantes tem a capacidade de se desenvolver em todos os aspectos da vida e não somente na área acadêmica, como eu mesma vivenciei em minha trajetória escolar. Neste caso, não se avalia o aluno nota 10 ou nota 5. O importante ao ser analisado nessa prática é de que forma o ensino posto pela escola está sendo absorvido e aproveitado pelo estudante e para o professor e de que maneira isso é levado em consideração mediante os resultados avaliativos.

Logo, todos os instrumentos avaliativos utilizados com intuito de coleta de dados são válidos. É para isso que devemos estar atentos. Seja na escola montessoriana, com a ficha avaliativa ou na tradicional, com o boletim, ambas devem focar nos dados como diagnóstico e não como classificação, de melhor ou pior. Portanto, o que vai diferenciar as práticas e metodologias dentro do ambiente escolar é saber realmente o que se busca e o que fazer com os resultados coletados, podendo assim oferecer ao aluno um ambiente voltado para o processo de construção do conhecimento e não apenas para o produto final.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Entendo que, mesmo finalizando este trabalho, podendo assim ter algumas possíveis conclusões, e não verdades absolutas, o tema Avaliação Escolar tem muito que se refletir, dialogar e praticar, enquanto ao Montessori, muito que se conhecer. Podemos encontrar diversos autores de referência debatendo sobre o primeiro assunto e poucos que falam sobre o método de Maria Montessori.

É claro que no caso da avaliação, lógicas reproduzidas por tanto tempo, não são mudadas de uma hora para outra, porque um ou outro propôs novos conceitos. Porém, acho de fundamental importância que, nós quanto educadores tenhamos em mente que a escola está em constante movimento e precisa ser redefinida conforme as necessidades vão surgindo. As ideias padronizadas de avaliação que persistimos em reproduzir, podem ter funcionado em algum momento do passado, mas não suprem mais as necessidades e expectativas das demandas atuais.

Quanto a esses modelos padronizados, Luckesi (2002) diz:

Para, efetivamente, trabalharmos com avaliação, necessitamos criar um novo padrão de conduta, consciente - o padrão da avaliação. É preciso romper com o campo mórfico estabelecido e herdado, abrindo espaço a uma verdadeira experiência de avaliação, liberta do campo mórfico de forças dessa representação social. (p.5)

No entanto, ainda que no caso de Montessori não se priorize a nota como medidor, contudo a utilize, os dois casos acabam por entrar na mesma lógica de classificação do melhor para o pior, embora o método montessoriano seja de forma mais sutil devido sua forma de trabalhar ao longo do processo. A partir dessa análise, fica então o meu questionamento: funcionaria algum método que, em suas atividades não existissem a nota como referencial de conhecimento?

Todavia devo dizer que acredito que a proposta curricular de Maria Montessori tenha muito a contribuir para a educação, visto que seus pressupostos teóricos e metodológicos adaptados para o currículo de uma sociedade atual são seguidos, favorecendo o desenvolvimento de capacidades e competências mínimas para a participação produtiva nos dias de hoje.

É preciso frisar que, muitas coisas que pesquisei sobre o Método Montessori, pude encontrar também na ideologia do Método Tradicional. No entanto, o que me chamou mais atenção foi o fato do primeiro método seguir as atividades que promete, o que não encontramos com frequência no método tradicional, que não passa do papel, pois entendo também que não é fácil levar à prática essas teorias, uma vez que nossos professores são preparados para reproduzir ideias em alunos enfileirados dentro da sala de aula, ou seja, condutas que não facilitam a comunicação nem a aprendizagem.

Assim, não tenho a intenção de generalizar e fantasiar que a pedagogia de Maria Montessori seja a ideal ou perfeita, uma vez que envolve pessoas que estão sempre no caminho de construções, tampouco afirmar que a escola tradicional é péssima e não funciona quanto à sua questão avaliativa. Todos nós conhecemos escolas que atendem nossas expectativas e outras que não, independente do método que utiliza. Essa pesquisa baseou-se em apenas uma Escola Montessoriana, que segue uma filosofia, da qual se pressupõe que, todas as outras que se intitulem Montessori, sigam também. E também na minha vivência e experiência como aluna de algumas Escolas Tradicionais, o que não significa dizer que todas as escolas sejam ou adotem atividades como as que eu participei.

REFERÊNCIAS

BARRIGA, Angel Diaz. Uma polêmica em relação ao exame. In: ESTEBAN, Maria Teresa (Org.). **Avaliação: uma prática em busca de novos sentidos**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: introdução**. Brasília: MEC/SEF, 1997.

BRASIL, Ministério da Educação – MEC. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDBEN 9394/96**. Brasília, DF, 20 de dezembro de 1996.

COSTA, Magda Suely Pereira. Maria Montessori e seu método. **Linhas críticas**, Brasília, v. 7, n. 13, jul/dez. 2001

COSTA, Vera Lúcia Pereira. **Função social da escola**. Tocantins, 2008. Disponível em: http://www.drearaguaina.com.br/projetos/funcao_social_escola.pdf

ESTEBAN, Maria Tereza. A avaliação no cotidiano escolar. **Avaliação: uma prática em busca de novos sentidos**. Rio de Janeiro. DPA, 2003.

GRANDIN, Temple. SCARIANO, Margaret. **Uma menina estranha**: autobiografia de uma autista. São Paulo, Cia. das Letras, 1999.

HOFFMANN, Jussara. **Avaliação: mito e desafios**. Porto Alegre: Educação Realidade, 1991.

LUCKESI, Cipriano. **Avaliação da aprendizagem na escola: reelaborando conceitos e recriando a prática**. Salvador: Malabares Comunicação e Eventos, 2003

_____. Avaliação da aprendizagem na escola e a questão das representações sociais. **Eccos Revista Científica**, vol. 4, fac. 02, Universidade Nova de Julho, São Paulo, pág. 79 a 88, 2002.

_____. Avaliação da aprendizagem: visão geral. Conferência: Avaliação da Aprendizagem na Escola, Colégio Uirapuru, Sorocaba, SP, 8 de outubro de 2005.

MONTESSORI, Maria. **El Método de la Pedagogia Científica**. Barcelona: Araluce, 1937.

_____. **Ideas generales sobre mi método**. 3. ed. Buenos Aires: Losada, 1965.

_____. **Pedagogia científica: a descoberta da criança**. São Paulo: Flamboyant, 1965.

_____. **Manual práctico del método montessori**. Barcelona: Casa Editorial Araluce, 1939.

_____. **A criança**. Rio de Janeiro: Portugália, 1983.

_____. **Para educar o potencial humano**. 2 ed. Campinas, São Paulo: Papirus, 2003.